

Espaço Aberto

Novas contribuições de Basil Bernstein

Entrevista concedida à

Mercè Espanya e

Ramón Flecha

CREA - Centro de Investigações em Educação de Pessoas Adultas, Universidade de Barcelona

Tradução de Alejandro Rigazzi

Basil Bernstein é conhecido por sua teoria dos códigos lingüísticos: a escola usa um código elaborado favorecendo as meninas e meninos das classes médias e altas, que usam o mesmo código em suas famílias, e prejudicando os da classe operária, que usam um código restrito. Seus cinco livros fundamentais têm todos como título *Classes, códigos e controle*; a teoria dos códigos foi desenvolvida nos três primeiros, publicados em 1971, 1973 e 1975.

No quarto volume (1990), o autor retifica uma interpretação que foi feita das suas contribuições na forma de teoria dos déficits. Alguns pensaram que o código elaborado era superior e o restrito inferior. Então, o fracasso escolar foi considerado uma consequência do déficit lingüístico da classe operária. Bernstein, pelo contrário, afirmou

que os dois códigos não são superiores ou inferiores mas diferentes e o problema está em que a escola funciona com um deles. Nesse mesmo livro analisa o discurso pedagógico colocando-o em um paradigma comunicativo. As regras de recontextualização levam a que uma oficina de madeira ou uma disciplina de física não possam ser a mesma coisa que a carpintaria ou a física; ou seja, que a realidade de fora da escola se torna outra coisa quando a convertemos em disciplina. Porém, em Valência, junto com Paulo Freire e Donald Macedo, vimos experiências de cursos para carteiras de motorista com ciganos que levaram Basil a afirmar que havia algumas situações em que essas regras de recontextualização não se davam.

No quinto volume (1996), ele faz novas contribuições que são abordadas por ele nesta entrevista.

Você disse que logo publicará o quinto volume de Classes, códigos e controle. Poderia comentar este último trabalho?

Bem, tive muitas críticas ao meu trabalho porque se supõe que seja abstrato e pouco inteligível. É algo misterioso porque muitas outras pessoas cujo trabalho é difícil de entender dizem que minha obra sempre foi muito difícil de compreender.

No quinto volume, os primeiros dois capítulos tentam apresentar a tese de um modo lucidamente legível e muito simples, com muitos exemplos, por isso eu acredito que as pessoas perceberão que não é tão incompreensível. Creio que não tem tanto a ver com meu modo abstrato de escrever e mais com a forma em que o faço. A maioria dos sociólogos está completamente desacostumada a ler trabalhos que possuem uma forma rigorosamente explícita. Acredito que venho de uma tradição diferente e que é uma certa classe de... não só é uma questão de idioma, é o modo de argumentar, o modo de apresentar, e o que eu acredito ser elegante, a maioria das pessoas pensa que é incompreensível. Isso tem muito a ver com a maneira como a teoria é explicada.

O melhor relato que escrevi foi um intitulado *As modalidades de códigos no processo da reprodução*, mas se vê que esse relato é completamente incompreensível para todo o mundo exceto para mim. Por isso eu tenho uma relação muito narcisista com esse relato, é como se tivesse sido escrito só para mim e ninguém mais.

Também acredito que o primeiro objetivo do livro é apresentar a tese de um modo mais lúcido para que as pessoas, pelo menos, não tenham desculpa para não lê-lo.

O segundo capítulo trata principalmente do processo de recontextualização e também faz uma análise do desenvolvimento da política de Estado no Reino Unido ao longo dos últimos trinta anos, em que tento olhar esse processo do ponto de vista das mudanças no campo da recontextualização e o modo como o Estado está regulando esse campo e mudando a natureza da identidade pedagógica produzida pela educação.

Depois, a seção seguinte do livro trata em sua totalidade de investigação. Frequentemente se diz que não faço investigação, o que acho um pouco estranho. Se olharmos a totalidade dos livros-texto de sociologia, vemos como são simplesmente epistemológicos. De fato, o objetivo não é examinar a teoria em termos de suas sistemáticas internas, o poder que a teoria tem para gerar uma linguagem forte e a descrição e as explorações empíricas — isso não aparece no livro-texto. O que há no livro-texto é a recontextualização mesma posicionando ideologicamente a teoria e, se na teoria não se encontram os requerimentos ideológicos dos campos de recontextualização, então essa teoria está condenada.

Por isso estou muito mais interessado na investigação que realizei com meus colegas. Ainda que isso possa soar um pouco imodesto, acho que provavelmente minha própria teoria recebeu, de um modo sistemático, mais investigação empírica do que provavelmente qualquer outra. Não me refiro aqui às referências literárias, vocês entendem, essas referências casuais na literatura. Portanto, um relato não é onde você somente encontra as referências. Isto não significa que não o diga de um modo modesto. Em minha opinião, o que fundamenta um sociólogo é o fato de ele conseguir uma compreensão empírica sobre como a sociedade trabalha e particularmente como esta pode ser diferente.

A segunda parte do livro é uma discussão sistemática sobre a relação entre a teoria, os modelos da teoria, as linguagens descritivas que gera e a variedade de investigação que tem surgido através dela. Portanto, se tratará novamente de algo não-usual. Não quero dizer não-usual em um sentido narcisístico, mas que é não-usual em um livro desse tipo.

A terceira parte trata das críticas da teoria. Está dividida em quatro ensaios que versam sobre diferentes classes de críticas surgidas contra a teoria. Por exemplo, críticas sobre sua suposta base estruturalista, questões sobre epistemologia ou sua ideologia. Creio que, em um certo sentido, é um livro um pouco agressivo porque ao final não falo nada sobre a variedade de caminhos onde posicionei meu trabalho. Pensei que, ao chegar no extremo da

minha idade geriátrica, escreveria mais agressivamente sobre esse tema, mas ao final está sendo bastante divertido, espero inclusive que seja divertido.

Sinto ter me estendido tanto. Isso é o quinto volume.

No quinto capítulo você desenvolve o conceito de alfabetismo segmentário: poderia nos explicar um pouco mais do que se trata?

Como vocês já sabem, o relato começa com uma pequena crítica a Bourdieu. O conceito básico em Bourdieu é o de arbitrariedade e este conceito raramente foi recebido com o tipo de comentário que merece. É um conceito completamente fundamental em Bourdieu. De fato, nós poderíamos considerar Bourdieu um tipo de pedagogo-sociólogo porque nos mostra o que é o verdadeiro, os jogos que se estão jogando. O importante da arbitrariedade não é o que gera, mas sim a função da arbitrariedade no jogo. A arbitrariedade é uma espécie de contrário no jogo, e por conseguinte qualquer coisa pode ter consigo mesmo a arbitrariedade. Por isso, não há nenhuma necessidade de olhar a construção interna da arbitrariedade. De alguma maneira, Bourdieu está mais interessado na relação entre as coisas que nas relações dentro da coisa. De fato, Bourdieu considerou que qualquer tipo de exame nas relações internas de uma coisa cheira a essencialismo.

Bem, começo então com um comentário sobre essa postura que eu não acredito ser uma postura defensável porque não me sinto bem com um tipo de teoria que impõe a legislação sobre como uma pessoa deve acercar-se de um trabalho teórico ou de um trabalho empírico. Portanto, o que fiz foi começar com uma análise da sociologia do discurso e mostrar que, se examinamos essa construção de sociologia como discurso, podemos começar a ver como as estruturas internas da sociologia constroem o campo no qual esse discurso é articulado. Por isso, por exemplo, a sociologia pode ser considerada uma coleção de linguagens especializadas e o objetivo de uma ou de um sociólogo seria comercializar sua linguagem dentro desse âmbito. Essas

linguagens não são essencialmente transponíveis. Cada linguagem tem sua própria bibliografia, seu próprio critério quanto à evidência a favor ou contra a teoria e freqüentemente tem sua própria metodologia; assim, podemos considerar, desse ponto de vista, a sociologia como uma coleção de linguagens. Se é uma coleção de linguagens, para mim significa que é uma sociologia estrutural. É uma espécie de série de códigos. Portanto, crescimento em sociologia não é o mesmo tipo de crescimento nas ciências naturais. O crescimento nas ciências naturais conduz a ordens superiores de integração. Pois bem, uma ordem mais alta de integração que a do discurso estruturado é a ciência natural, que, como sabemos, é hierárquica. Mas a acumulação de conhecimento em sociologia não pode vir através da integração. A acumulação de conhecimento em sociologia provém do agregar outra linguagem.

Assim, de fato, podemos distinguir entre estrutura horizontal de conhecimento e estrutura hierárquica de conhecimento. Com isto faço minha primeira divisão entre o que eu chamo discursos verticais, em que a unidade é a unidade recontextualizada. Dentro dos discursos verticais podemos distinguir entre estruturas de conhecimento hierárquico (gosto da física) e estruturas de conhecimento horizontal que são coleções de linguagens, como o é, por exemplo, a sociologia, a cultura inglesa, a literatura. Creio que em sociologia só tivemos uma teoria semelhante à estrutura de conhecimento hierárquico, que seria o marxismo.

Bem, temos discursos verticais e dentro destes podemos distinguir entre estruturas hierárquicas de conhecimento e estruturas horizontais de conhecimento. Podemos distinguir entre discursos verticais e discursos horizontais.

Explicarei brevemente o que são os discursos horizontais. Quando leio a literatura vejo que muitos sociólogos e antropólogos — devem perdoar-me porque serei irônico — estão apaixonados pelo que eu chamo de discursos horizontais. Eles não o chamam assim, mas de conhecimento cotidiano, conhecimento consensual, conhecimento popular ou, por exemplo em Bourdieu, de domínio prático. Então,

o que tento fazer, e serei irônico nisto, é examinar a estrutura interna dos discursos horizontais. Eu os chamo discursos horizontais porque as práticas reguladas por esse discurso são, de fato, séries organizadas segmentariamente e práticas contextualizadas. Permita-me dar um exemplo muito simples sobre isso: imagine o novo homem moderno. A mulher trabalha fora e o homem está em casa e tem séries inteiras de práticas especializadas, uma coleção de práticas: como lavar a roupa, fazer a comida, a limpeza, como ir ao supermercado, ir à locadora de vídeo etc., e fazer tudo de um modo efetivo de forma que, quando a mulher volte à sua casa, tudo esteja perfeito, agradável, confortável... Bem, o que temos aqui é uma série de práticas específicas, especializadas e contextualizadas. São uma coleção de práticas que não estão integradas. Uma não dominam as outras. Este é um exemplo do que eu denomino um discurso horizontal.

Se olharmos esses discursos horizontais com uma análise mais profunda e olharmos sua base social, vemos que eles são construídos fora das relações entre dois tipos de estratégias. Se nos movemos entre discursos horizontais não precisamos operar com generalidades poderosas. De fato, não podemos operar com generalidades poderosas porque nossas práticas estão contextualmente consumidas. E, se nossas práticas são segmentárias e especializadas no contexto, não podemos ter generalizações como ocorre nos discursos verticais. Nos discursos horizontais cada indivíduo tem um repertório de estratégias.

Agora consideremos todos os indivíduos que são parte de uma comunidade operando dentro de um discurso horizontal. Podemos distinguir dois níveis:

> 1. Podemos considerar uma reserva de estratégias. A reserva de estratégias é o número total de estratégias que estão disponíveis ao grupo mas não estão disponíveis a cada indivíduo em particular. Então, temos uma reserva relevante de estratégias que supõe um potencial que é o potencial discursivo de um gru-

po ou sua prática discursiva e temos um repertório individual da pessoa que está comprometida segmentariamente com a sua prática localmente contextualizada.

> 2. Agora consideremos a base social. Se estamos operando com um discurso horizontal, as práticas se otimizam quando há uma circulação de estratégias. Quanto mais estratégias circulam mais efetivo é cada indivíduo. A circulação de estratégias permite que cada repertório do indivíduo seja otimizado. Por exemplo, imaginem que sou um carpinteiro e vou pelas casas das pessoas fazendo consertos. Quando volto, falo com meu amigo que também é carpinteiro e lhe digo: “fui àquela casa e a junta da mesa não estava polida, e eu não podia fazer nada para arrumá-la. A mulher, quando me viu, me disse: por que você não tenta fazer isto?” Bem, com isso quero dizer que no discurso horizontal o importante é a circulação de estratégias. Isso significa que no discurso horizontal existe uma série que cria certas formas de solidariedade social.

Isso é completamente oposto à base social do discurso vertical, com o qual existe toda uma série de implicações. O conhecimento adquirido através de um discurso horizontal é adquirido inclusive através da modelagem (*modelling*). Não quero dizer imitação mas modelagem. Por exemplo, a maioria de nossas práticas usadas em um supermercado, não as sabemos porque alguém nos disse como fazê-las mas porque observamos, olhamos. Portanto, é modelagem através de exemplos que vemos na prática e testamos. A maior parte das aquisições feitas no discurso horizontal são altamente especializadas de acordo com os indivíduos, exemplos e modelos particulares. Isso também significa que o processo aquisitivo dessa alfabetização segmentária é realizado frequentemente através de uma modalidade de código restrito. Em outras palavras, a aquisição se realiza tacitamente.

Já podemos começar a observar que se pode mudar do horizontal ao individual. As aquisições

estratégicas dos indivíduos são muito engenhosas. O fato de que o discurso seja horizontal não significa que as estratégias não sejam engenhosas. Mas certamente isso também significa que os alfabetismos são segmentários e os alfabetismos segmentários têm uma base social particular, que são requeridos sob condições particulares e que se enriquecem ou se estendem como consequência de um tipo peculiar de relação social. Realmente se trata disto.

Muitas pessoas têm entendido sua teoria de sociolinguística como um tipo de déficit. Você poderia nos dar sua opinião sobre este mal-entendido?

Creio que para vocês é necessário que eu aborde essa questão, isso é compreensível, totalmente compreensível. Uma e outra vez expliquei isto como uma questão importante e crucial. Se existem as estruturas de classe significa necessariamente que há uma distribuição desigual de possibilidades materiais e simbólicas. Mas isso não significa que os indivíduos estejam em uma situação de déficit em relação às suas possibilidades culturais. Objetivamente, se temos classe, temos déficit, e não faz sentido pensar sobre isso de outro modo.

As teorias do déficit, tais como as conhecemos na literatura, são psicológicas em sua origem. O indivíduo é abstrato na cultura local, é abstrato na ordem institucional, abstrato na estrutura do poder e portanto examinado como um solitário. Pois bem, em meu trabalho (eu falo tão claro — bem, claro para mim) tenho tentado mostrar como a classe atua diretamente na estrutura familiar e indiretamente no sistema escolar. Agora pergunto: como pode ser vista como uma teoria do déficit?

Uma coisa que me fascina são esses liberais, normalmente liberais brancos que têm aversão a esta noção de código restrito. Se se examina o modo como educam seus filhos e se observa os processos de socialização, vê-se como as crianças estão posicionadas na linguagem e isso me faz pensar. Parece que existe uma lei para esses brancos liberais, e depois existe sua relação com a classe operária. Uma das coisas que para mim é muito preocupante é a

situação em que se encontram alguns sociólogos. Para eles, a classe operária forma uma espécie de mancha onde projetam sua culpa.

Alguns de seus seguidores dizem que você é estruturalista e alguns pós-modernos dizem que você usa o conceito de discurso de Foucault. O que você acha disso? Acredita que é verdade que seu conceito de discurso provém de Foucault?

Em 1970 li um relato meu intitulado *Classificação e marco do conhecimento educacional*. Ainda agora, creio que foi um pouco antes das palavras de Foucault sobre esse tema. E, sem pretender ser imodesto novamente, fiz um exame sistemático do discurso, do processo da transmissão deste, não da construção mas do processo da transmissão, com suas modalidades variadas e a forma do discurso transmitido, com suas diferentes distribuições de poder e com as diferentes modalidades de controle.

Pois bem, se utilizo a palavra discurso não significa que a colhi de Foucault. É o mesmo que dizer que, porque tenha me apoderado do conceito de código, necessariamente tenha me apoderado da teoria da informação. Creio que há uma considerável diferença na maneira como eu exploro o discurso. De fato, eu parto de uma base que é totalmente diferente da de Michel Foucault. Minha problemática estava mais em Durkheim do que em Marx porque para mim o problema crucial estava nas variações nas relações entre sistemas simbólicos e estruturas sociais. E este não é um problema de Foucault, pelo contrário. Assim que eu nunca, nunca examinarei o discurso abstrato desde sua base social. Claro que utilizei a palavra discurso porque é um termo muito útil, mas o modo como o utilizei é totalmente diferente do de Michel Foucault.

Creio que li Foucault por inspiração. Acho que é um dos textos mais emocionantes que li, mas acredito que minha problemática é qualitativamente diferente. Eu não usaria o termo discurso a menos que fizesse duas coisas: uma, escrever as regras que o especializaram e, segunda, mostrar a base social onde opera e como essa base social atua para mu-

dar as regras. Bem, se isto é estruturalismo... Deus nos ajude! Está suficientemente claro?

Em algum sentido sua teoria é teoria da comunicação pedagógica, não da comunicação distorcida. Pensamos que este trabalho é um dos mais interessantes, da mesma forma que em Habermas trata-se da teoria da ação comunicativa. Você também vê algumas conexões entre sua teoria e a de Habermas?

Sim, vejo algumas que se aproximam bastante, embora conscientemente eu não tenha sido influenciado por Habermas. Bom, é impossível não ter sido influenciado por grandes pessoas. Eles lhe influenciam e você não se dá conta de como tacitamente mudam a maneira como, às vezes, você vê uma pintura; e você olha aquela pintura e seu conceito da visão global mudou sem você perceber, porque, da próxima vez que você a olha, já não a vê da mesma maneira.

Creio que há fortes conexões, ainda que, provavelmente, sempre tenha sido mais influenciado pelos franceses do que pelos alemães. Mas eu acredito que, por exemplo, a noção global, os elementos mais fortes em Habermas são as racionalidades, as instrumentalizações etc. Creio que as conexões estão nas modalidades dos códigos elaborados. Poderia ser que alguma coisa relacionada com os mundos da vida tenha alguma noção para restringir dentro dos códigos da intimidade.

Acredito que há uma forte conexão. Há oito meses pensava no ato ideal de fala de Habermas, porque para mim toda a comunicação é inevitável e intrinsecamente distorcida, às vezes tragicamente distorcida. Mas, por outro lado, para estabelecer um modelo de comunicação não distorcida você precisa de uma espécie de postura ética de que gosto, e pensei: “Minha teoria tem uma postura ética?” por isso eu me perguntei: “Qual seria uma ação pedagógica ideal?”

Boa pergunta.

Sim, qual seria uma ação pedagógica ideal? Pensei sobre isso e tornei a ler Habermas. E então

pensei que poderia realizar o que seria uma ação ideal. Seria uma ação pela qual a pedagogia tivesse acesso rápido a sua própria pedagogia. Para que isso não seja uma espécie de retórica, eu gostaria de dar uma idéia clara do que quero dizer. Por exemplo, se eu ensinasse física (digo física porque meu filho é físico e ele pensa que a sociologia é uma porcaria! — sempre utilizo a física), em algum momento faria que o estudante olhasse três ou quatro livros-texto sobre física. Destes livros-texto haveria três ou quatro para os de 15 anos, talvez três livros diferentes para os de 12 anos. Diria aos estudantes que olhassem os livros, os folhassem rapidamente e que me dissessem quais eram as diferenças. Depois perguntaria a razão pela qual temos livros diferentes para idades diferentes, com diferentes tipos de capítulos e diferentes tipos de desenhos. Desse modo tentarei tacitamente, e não de modo direto, conseguir que os estudantes compreendam que o texto pedagógico é o texto recontextualizado e que este texto vem de diferentes autores, com diferentes posturas. (Com isso eu não quero menosprezar a física, pois isso não é, em absoluto, menosprezar a física. Não é uma postura de menosprezar o discurso retórico porque penso que este é um truque barato. Sabem, educaram-me pelo discurso vertical, mas creio que é uma porcaria e que tenho mais do horizontal.)

Dessa maneira, posso fazer o mesmo com muitos livros-texto, conseguirei que os estudantes vejam que um encontro pedagógico não é somente arbitrário como diz Bourdieu; isso é tolice porque de modo peculiar é sempre arbitrário, não nos ajuda porque simplesmente não ajuda. A pergunta é: sob que condições conseguimos mudanças nesses textos, quais são as conseqüências das atividades no campo da recontextualização, como realizar atividades de recontextualização e como estas atividades em si são geradas por forças situadas fora desse campo. Utilizando tudo isso como base, diria que uma ação pedagógica ideal seria uma ação através da qual os estudantes estão conscientes desde o princípio de sua própria pedagogia.

Referências bibliográficas

- BERNSTEIN, Basil. (1971). *Class, codes and control*. v. 1. *Theoretical studies towards a Sociology of Language*. Londres: Routledge.
- _____, (1973). *Class, codes and control*. v. 2. *Applied studies towards a Sociology of Language*. Londres: Routledge.
- _____, (1975). *Class, codes and control*. v. 3. *Towards a theory of educational transmissions*. Londres: Routledge.
- _____, (1990). *Class, codes and control*. v. 4. *The structuring of pedagogic discourse*. Londres: Routledge.
- _____, (1996). *Pedagogy, symbolic control and identity: theory, research and critique*. Londres: Taylor and Francis.